



Tropas ucranianas avançam na ofensiva para reconquista de áreas territoriais anexadas à Rússia, que perdeu o controle integral das regiões. Após novos recuos, o Kremlin informou que consultará a população para delimitar extensão de terras

FRONTEIRAS INDEFINIDAS

Em meio à ofensiva de Kiev para retomar o controle de áreas de seu território anexadas à Rússia, o Kremlin reconheceu, ontem, que duas das quatro regiões agregadas estão sem fronteiras estabelecidas. Segundo o porta-voz Dmitri Peskov, isso será feito após a manifestação da população local. Na sexta-feira passada, o presidente Vladimir Putin anunciou a incorporação de Donetsk, Luhansk, Kherson e Zaporizhzhia, que totalizam aproximadamente 15% de toda a Ucrânia. Desde então, porém, forças leais a Kiev têm avançado e Moscou já não tem mais o controle integral das províncias reclamadas.

“As repúblicas populares de Donetsk e Luhansk terão as fronteiras de 2014. Nos casos de Kherson e Zaporizhzhia, seguiremos a consultar a população dessas regiões”, disse Peskov, ao ser perguntado se a Rússia estava anexando a totalidade ou apenas partes do território ocupado. Sem votos contrários ou abstenções, os parlamentares russos aprovaram, ontem, a favor de uma lei para anexar as quatro regiões.

O porta-voz não deu detalhes sobre como se desenrolará esse processo. “Disse tudo o que posso dizer sobre isso. De qualquer forma, a configuração dependerá apenas da vontade das pessoas que vivem nos territórios.” A questão é que as forças russas não têm um controle completo sobre Kherson e Zaporizhzhia e o Kremlin não confirmou quais áreas da região foram anexadas.

As regiões de Donetsk e Luhansk foram anexadas em sua totalidade, depois que Moscou reconheceu a soberania dos regimes separatistas pró-Rússia no fim de fevereiro, pouco antes do início da invasão da Ucrânia. Mas o próprio Kremlin admitiu que as fronteiras das regiões de Kherson e Zaporizhzhia precisavam ser “esclarecidas”.

Segundo o Institute for the Study of War (ISW), centro de pesquisas com sede nos Estados Unidos, Moscou controla 72% da região de Zaporizhzhia. Além disso, quase 88% de Kherson e sua capital de mesmo nome estão sob ocupação russa.

Forças ucranianas lançaram uma contraofensiva e, no fim de semana, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, anunciou a retomada da cidade estratégica de Lyman, na região de Donetsk. Ontem, forças leais a Kiev avançaram em Kherson e autoridades russas admitiram recuo de suas tropas.

A anexação foi desencadeada a toque de caixa. No fim do mês passado, o governo Putin organizou às pressas referendos nas quatro regiões ucranianas, votações criticadas como “farsas” pela Ucrânia e seus aliados ocidentais. Os resultados parciais mostraram maioria a favor da anexação russa dos territórios e Putin armou a cerimônia da última sexta-feira para formalizar a medida.

A Ucrânia respondeu pedindo um processo de adesão acelerada à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e advertiu que não vai negociar com a Rússia enquanto Putin estiver no poder.

Crimes

Na França, a primeira-ministra Elisabeth Borne afirmou, durante debate na Assembleia Nacional, que os crimes cometidos pela Rússia na Ucrânia devem ser “documentados, julgados e punidos”. “É uma condição essencial para o retorno de uma paz duradoura”, declarou a premiê, assinalando que Moscou “usa armas sem critério, tendo como alvo civis, escolas, hospitais, shoppings, caravanas humanitárias”.

Segundo Borne, “nos territórios ocupados, assiste-se à transferência forçada da população, inclusive de crianças”. A premiê francesa denunciou a presença, no front de batalha, do grupo Wagner, uma “empresa de mercenários, que recebe ordens diretamente do Kremlin”.

Elisabeth Borne também manifestou preocupação com a situação da central nuclear de Zaporizhzhia, sob controle da Rússia. Ela indicou que seu governo apoia a proposta do diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Rafael Grossi, “de cessar os disparos e retirar material militar da área”.

AFP



Bandeira ucraniana tremula a meio mastro em um parque em Kramatorsk, região de Donetsk, uma das quatro anexadas por Moscou

AFP



A premiê da França, Elisabeth Borne, defende punição a russos

Diretor de usina nuclear é solto

O diretor-geral da central nuclear ucraniana de Zaporizhzhia, detido na sexta-feira passada pela Rússia, que controla essa instalação, foi liberado. A soltura foi anunciada pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), que mantém especialistas no local desde o mês passado. “Saúdo a libertação de Igor Murashov”, tuitou o diretor-geral da agência, Rafael Grossi. “Recebi a confirmação

de que voltou para casa são e salvo”, acrescentou.

Murashov foi detido por uma patrulha russa, quando ia da usina para a cidade de Ernogodar, controlada por tropas de Moscou, de acordo com a operadora ucraniana Energoatom. O veículo que transportava o diretor da central foi interceptado. Ele teria sido retirado do carro e “levado, com os olhos vendados, para um local desconhecido”,

segundo informações.

No dia seguinte, o ministro ucraniano das Relações Exteriores, Dmytro Kuleba, condenou o que chamou de detenção ilegal. “Esse crime é um novo ato de terrorismo de Estado por parte da Rússia e representa uma grave violação do direito internacional”, criticou. A central nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa, está ocupada desde o início de março por tropas russas.

IRÃ

Aiatolá acusa EUA e Irã por distúrbios

O líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, acusou os Estados Unidos e Israel de fomentar a onda de distúrbios e protestos no país após a morte da jovem curda Mahsa Amini, detida por não cumprir o rigoroso código de vestimenta que exige que as mulheres usem o véu. O episódio, em 16 de setembro, desencadeou uma onda de manifestações, que se espalhou por várias regiões do país e mobiliza manifestantes no exterior.

Os protestos entraram em sua terceira semana, tornando-se a mais importante mobilização na República Islâmica desde 2019, provocada pela alta dos preços da gasolina. Na França, mulheres saíram às ruas de Montpellier, ontem, em defesa da liberdade das iranianas e contra o obscurantismo no país. Em Washington, o presidente Joe Biden disse que os Estados Unidos irão impor mais

sanções a Teerã por conta da violenta repressão aos protestos.

“Digo claramente que esses distúrbios e a insegurança foram organizados pelos Estados Unidos e pelo falso regime sionista de ocupação, bem como seus agentes, com a ajuda de alguns iranianos traidores no exterior”, declarou o guia supremo em seu primeiro comentário público sobre os desdobramentos da morte de Amini.

Segundo Khamenei, “a polícia é obrigada a manter a calma contra os criminosos, e a garantir a segurança da sociedade”. “A morte dessa jovem moça partiu nosso coração, mas o que não é normal é que algumas pessoas, sem provas ou investigações, transformem as ruas em um perigo, queimem o Alcorão, as mulheres retirem o véu e queimem mesquitas e carros”, acrescentou.

O guia supremo assinalou que

as manifestações não apontam para a obrigatoriedade do véu, mas para a “independência” do Irã. “Os Estados Unidos não toleram um Irã forte e independente”, enfatizou. “Estamos alarmados e consternados (com as autoridades do Irã), que responderam aos protestos pacíficos dos estudantes universitários com violência e detenções em massa”, declarou, por sua parte, a secretária de imprensa da Casa Branca, Karine Jean-Pierre.

Repressão

De acordo com a agência Mehr, no domingo, quase 200 estudantes se reuniram na Universidade Tecnológica de Sharif, em Teerã, e gritaram frases contra o sistema religioso que vigora na República Islâmica. “Mulher, vida, liberdade”, repetiam, em mais um ato contra a morte de

Amini e a detenção de estudantes durante as manifestações das últimas semanas. A polícia utilizou armas de paintball e outras que atiram balas de aço não letais, além de gás lacrimogêneo, contra os estudantes.

A ONG Iran Human Rights (IHR), com sede na Noruega, divulgou um vídeo que mostra policiais em motos perseguindo estudantes em um estacionamento. Outra gravação exhibe os agentes levando os detidos com as cabeças cobertas com sacos. “Forças de segurança atacaram a Universidade Tecnológica de Sharif. Tiros foram ouvidos”, postou o IHR no Twitter.

Em outro vídeo que o IHR diz ter sido gravado em uma estação de metrô de Teerã, uma multidão grita: “Não tenha medo, não tenha medo!” Também foram registrados protestos em outras universidades.

AFP



Ato em apoio às iranianas na cidade francesa de Montpellier